

# Mulheres Laneiras: um inventário das memórias femininas da Fábrica Laneira Brasileira S.A.

MIRELLA MORAES DE BORBA<sup>1</sup>; FRANCISCA FERREIRA MICHELON<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [borbamirella@gmail.com](mailto:borbamirella@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [michelon.ufpel@gmail.com](mailto:michelon.ufpel@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A Fábrica Laneira durante cinquenta e quatro anos fez parte da vida de muitas gerações que nela se sucederam e dela obtiveram tanto seu sustento como suas relações sociais mais cotidianas. De acordo com entrevistas feitas por Jossana Peil Coelho no trabalho de conclusão de curso em Museologia “Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A” e nas fotos apresentadas na dissertação de mestrado “Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima” de Chanaísa Melo, foi possível verificar que um grande número de mulheres atou nessa fábrica durante a sua existência, o que sugere que um estudo aprofundado sobre a trajetória do trabalho das mulheres no contexto da referida fábrica venha a resultar em uma memória da condição da mulher no ambiente fabril do período. Segundo Cíntia Vieira Essinger no artigo “BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas” a Laneira era a única fábrica no ramo têxtil, na cidade de Pelotas, onde o número de mulheres não era superior ao de homens.

Observando os dados do Livro de Registros pode-se perceber que as mulheres eram maioria no trabalho da fábrica têxtil. Com exceção da Laneira Brasileira, em todas as outras empresas encontrou-se esta relação que já podia ser percebida em 1909. (ESSINGER, 2007)

As mulheres que trabalharam na Laneira [mantinham](#) na fábrica grande parte de suas relações sociais cotidianas. A Laneira não contratava por safras, as funcionárias eram fixas. Quando baixava a produtividade do setor em que estavam trabalhando, eram remanejadas para os setores que estivessem em funcionamento no momento, por isso muitas delas trabalharam em mais de um setor. (COELHO, 2012, pag. 56)

As funcionárias da Laneira formavam dentro da fábrica um grupo social. Para Halbwachs os grupos sociais são os responsáveis pelas memórias dos sujeitos, pois segundo ele, as memórias são o resultado das influências de diferentes grupos sociais. Desse modo o indivíduo tem a memória individual e coletiva, pois quem lembra está incluído na sociedade e sempre faz parte de um ou mais grupos sociais, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 2006, pág.69).

Sendo o objeto [da investigação sobre a qual trata este resumo](#) a memória feminina, faz-se necessário esclarecer que as memórias dos gêneros feminino e masculino funcionam biologicamente da mesma maneira, porém segundo Perrot, a memória é marcada pelos papéis desempenhados na sociedade, ou seja, as memórias femininas e masculinas se diferenciam apenas no âmbito social e da construção dos gêneros. “A memória passa mais pelo modo de vida que pela variável sexo [...], sua sexualização seria constitutiva do debate das

determinações **sociohistóricas** do masculino e do feminino” (PERROT, 1989, p. 12)

Segundo Halbwachs a memória é um processo de reconstrução, pois trata-se de um processo de lembrar determinado acontecimento do passado a partir do que é no presente. Ou seja, essa memória reconstruída não é uma repetição linear do que aconteceu, mas sim uma reconstrução no contexto atual do indivíduo.

[...] uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2006, p.9)

Para Candau as memórias operam escolhas afetivas, as acontecimentos neutros são mais suscetíveis ao esquecimento do que aquelas carregados de sentimentos, e entre essas últimas, as memórias consideradas desagradáveis são mais fáceis de esquecer do que as agradáveis, isso se deve a algumas estratégias como as omissões. “Mesmo que não exista nada de sistemático no princípio do prazer da memória, podemos considerar que, de uma maneira geral, o “otimismo memorial” prevalece sobre o pessimismo.” (CANDAU, 2011, p.74)

A pesquisa pretende dar um espaço de fala e de memória para as ex-funcionárias da extinta Fábrica Laneira, por meio de um inventário de suas memórias referentes ao período no qual trabalharam na fábrica. Para isso busca-se **inventariar** as múltiplas narrativas das ex-funcionárias.

Uma investigação em relação ao trabalho feminino desenvolvido na Fábrica Laneira Brasileira S.A. justifica-se por ter um viés voltado para a memória do trabalho feminino da fábrica, o que o torna inédito, tem a possibilidade de contribuir com outros trabalhos dentro da área acadêmica, além de ser uma importante construção da memória tanto da fábrica, como das mulheres que lá trabalharam.

## 2. METODOLOGIA

A técnica utilizada para coleta de dados é a entrevista narrativa aplicada a ex-funcionárias da Fábrica Laneira, de maneira individual. A entrevista narrativa é considera um método de pesquisa qualitativa, ou seja, busca-se o subjetivo, a opinião do entrevistado tendo como técnica a entrevista semi-estruturada, que tem a intenção de fazer com que o entrevistado narre uma história sobre determinado acontecimento da sua vida, nesse caso, **sobre** o período no qual trabalhou na Laneira. As narradoras serão as ex-funcionária da Laneira, que cumprirão o papel de narrar suas memórias a partir dos tópicos guias estipulados pela pesquisadora.

Para estimular a evocação das memórias sobre a fábrica foram utilizadas as fotografias do acervo da Laneira, que estão sob a guarda da Fototeca Memórias da UFPEL. Por fim será utilizada a análise temática para analisar os dados obtidos nas entrevistas. A análise temática consiste em condensar a entrevista transcrita até chegar aos temas recorrentes dentro das falas. Aqui serão utilizados os tópicos guias para sincronizar todas as entrevistas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação sobre a qual trata este resumo faz uma reflexão sobre as memórias narradas por duas ex-funcionárias da extinta Fábrica Laneira, afim de entender as trajetórias dessas mulheres na fábrica. Analiso, neste resumo duas entrevistas, em específico: a de Dona Maria Conceição e Dona Miriam.

Dona Maria da Conceição trabalhou no setor de pentagem<sup>1</sup> da fábrica no ano de 1978, nessa época já mãe de quatro filhos. Ela começou seu relato contando que entrou na fábrica porque sua irmã de criação, que já trabalhava na Laneira, havia comentado com ela que estavam contratando operárias para o turno da noite, que iniciava às 18h e terminava às 22h. Esse horário segundo ela era perfeito, pois ela já estava livre de todos os seus compromissos com a casa e os filhos e podia dedicar esse tempo ao trabalho na fábrica.

Para ela trabalhar na fábrica parecia em, um primeiro momento, muito bom, pelo horário, pelo salário, que nas palavras dela “qualquer dinheirinho que entrava já era muito”, mas que ao voltar do primeiro dia de trabalho percebeu que não ficaria muito tempo trabalhando lá. Segundo ela, o barulho era “infernai” e, na época, não se usavam os protetores auriculares, o que fazia com que ela, mesmo em casa, continuasse ouvindo o barulho incessante do maquinário. Ela relatou também que o trabalho no setor da pentagem era muito solitário, já que o barulho impedia que ela tivesse qualquer tipo de interação com as outras funcionárias, e mesmo que não houvesse o barulho, o trabalho exigia muita atenção, pois se a lã enredasse nos dedos, poderia arrancá-los.

Dona Mirian começou sua narrativa falando que sempre morou no bairro Fragata<sup>2</sup>, e que até hoje passa pelo prédio e sente saudades. Ela começou a trabalhar na fábrica no ano de 1984, o ano em que ocorreu a primeira greve. Ela relata que aderiu à greve, pois havia saído uma lei que proibia a carga horária de oito horas corridas, e que a fábrica baixou para seis horas corridas, mas depois de um tempo voltou a aplicar a jornada de oito, sem aumento de salário. Ela lembra que não existia o sindicato dos operários e que eles foram representados pelo sindicato do comércio. A greve durou quase dois meses e nesse período os funcionários ficaram sem receber os salários. Foram então feitas campanhas para pagar uma cesta básica para as pessoas que estavam passando necessidades, pois muitos casais trabalhavam na fábrica e não tinham nenhum outro tipo de fonte de renda, o que não era o caso dela que não dependia do salário da fábrica, já que o marido trabalhava em outro local.

Dona Miram narrou que durante a greve as funcionárias que aderiram à ficaram sentadas em frente aos portões da Laneira, para impedir que um carregamento de lã que ia para o Japão saísse da fábrica. Após esse episódio, a fábrica deu um parecer favorável aos funcionários que voltaram a trabalhar normalmente. Segundo ela isso aconteceu, nas palavras dela “porque os japoneses eram chatos e tinham horário para tudo e eles devem ter reclamado do atraso com a chefia da fábrica.”

Ela trabalhava no turno da manhã, pegava as 6h e soltava 12h. Trabalhava de uniforme e touca, porque a poeira da lã era muito contagiosa e quando começa a sentir coceira na região dos seios, era devido a algum carregamento de lã de ovelhas com sarnas. Quando isso acontecia as funcionárias se dirigiam até o posto médico, onde recebiam tratamento para sarna. Dona Mirian trabalhava no setor de pentagem, mas quando baixava o produtividade trabalhava limpando as

<sup>1</sup> Era o processo que dava continuidade a eliminação de impurezas, uniformização no tamanho dos fios, resultando em fios muitos finos, resistentes e de alta qualidade.

<sup>2</sup> A Fábrica Laneira funcionou no bairro Fragata do ano de 1949 até 2003, até hoje o prédio onde funcionou a extinta fábrica permanece com o letreiro da Laneira S.A.

máquinas. Contou também que na fábrica aprendeu a fazer o nó de artesan, o qual lamentou ter esquecido como fazer.

#### 4. CONCLUSÕES

Nas duas narrativas percebe-se que o “otimismo memorial” já citado por Candau. **Manifesta-se o conteúdo positivo** no horário, no salário ou nas amizades feitas na fábrica. Nas duas narrativas aparece a frase “a fábrica era muito boa”. Mesmo que em seguida apareça algum aspecto negativo do trabalho, como as doenças causadas pela poeira da lã, em seguida essa parte é amenizada com “mas no resto era muito bom”.

A origem dessas primeiras lembranças positivas pode se originar no fato de que a Laneira represente uma época em que essas mulheres tiveram independência econômica e ao mesmo tempo, fizeram parte de um grupo social com o qual se identificavam. Portanto ser mulher dentro da Laneira pode ter sido para elas uma forma digna de sustento para suas famílias.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Jossana Peil. **Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A.** Monografia (Graduação) Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2014.

ESSINGER, Cíntia Vieira. **BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas**. 2007. Disponível em: <[http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IV%20Jornada%20GT%20Mundos%20do%20Trabalho/completos/Cintia\\_Essinger.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IV%20Jornada%20GT%20Mundos%20do%20Trabalho/completos/Cintia_Essinger.pdf)> Acesso em: 17 de outubro de 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006

MELO, Chanaísa. **Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima**. 2012. 131 f. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2012.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, 1995. pp. 9-28.